

(DES)FIGURAÇÕES DE SI NA ESCRITA DA INTERIORIDADE DE GEORGES BATAILLE

Oswaldo FONTES FILHO*

RESUMO: Este texto considera no fraseado batailliano a desconstrução de toda transitividade discursiva em favor de desregrada grafia do que o autor chama sua "experiência interior". Ali, a representação homogênea de si e do mundo recebe sua contraposição menos intelectual, menos predicativa, numa escrita da interioridade onde impera particular semântica do excesso, da morte, do sacrifício, assim como uma morfologia imaginária do deiscente, do amorfo, do agonístico. Será mostrado como figuras expostas a uma margem de equívocidade entre os gêneros solicitam uma capacidade da escrita de jogar a fundo perdido, junto a uma deriva das formas e dos sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Experiência. Interioridade. Georges Bataille.

Le récit qui révèle les possibilités de la vie [...] appelle un moment de rage, sans lequel son auteur serait aveugle à ces possibilités excessives. Je le crois : seule l'épreuve suffocante, impossible, donne à l'auteur le moyen d'atteindre la vision lointaine attendue par un lecteur las des proches limites imposées par les conventions. Comment nous attarder à des livres auxquels, sensiblement, l'auteur n'a pas été contraint ?

Le Bleu du ciel, avant-propos, Georges BATAILLE (2004, p.111).

Me servant de fictions, je dramatise l'être : j'en déchire la solitude et dans le déchirement je communique.

Sur Nietzsche, Georges BATAILLE (1967, p.157).

Je dirai ceci d'obscur : l'objet dans l'expérience est d'abord la projection d'une perte de soi dramatique. [...] De plus, le sujet dont l'expérience est en elle-même et dès le début dramatique (est perte de soi) a besoin d'objectiver ce caractère dramatique. La situation de l'objet que cherche l'esprit a besoin d'être objectivement dramatisée. L'Expérience intérieure, Georges BATAILLE (1992, p.137).

* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Departamento de História da Arte. Guarulhos – SP – Brasil. 07252-312 – osvaldo.fontes@unifesp.br

Uma semântica desregrada

As figuras discursivas apresentam papel estruturalmente perturbador nos textos de Georges Bataille (1897-1962). Por meio delas, que traçam uma semântica paradoxal, e uma poética que se pretende “balbuciante e incerta” (BATAILLE, 1971a, p.492)¹, os conceitos ganham imprecisão, se liberam das normas. Phillippe Sollers, em sua análise pós-saussuriana da linguagem, sustenta que esse é gesto “irreduzível à lógica clássica”, ao assumir plenamente a arbitrariedade e impropriedade de uma destruição do discurso e da gramática afeita às “[...] hierarquizações dos enunciados, à separação e oposição dos conceitos [...]” (SOLLERS, 1968, p.119). Se é caso de se falar de uma “efervescência orgânica da linguagem”, tal se deve a seus excessos pulsionais que permitem as três rupturas próprias a uma escrita que se quer soberana: da ordem social das conveniências, por meio de suspensões e transversalidades de valores; da ordem do imaginário, por implosão da instância enunciativa; da ordem da linguagem, por força do que Bataille chama a natureza “prometeica” da literatura.

Nos textos dos anos 1930 e 1940, essas rupturas podem ser rastreadas junto à organização singular da linguagem referente à noção de **experiência soberana**. Surgido notadamente em *L'expérience intérieure*, o motivo da soberania tem sua representação trabalhada a partir do esgotamento de sua força simbólica e conceitual. A linguagem que comunica essa soberania bascula de uma unidade de pensamento a uma pluralidade de experiências, conformando particular figuração (e mesmo uma figurabilidade) do não saber. O termo “figura” é tomado aqui como operação poética de condensação metafórica e deslocamento metonímico; ele fornece grafia a um corpo a um tempo em presença e em desvio de si, em movimento de deposição escritural de suas latências. Uma linguagem desprovida de qualquer garantia de sentido desfigura e refigura o campo referencial da experiência de si.

Nos primeiros momentos de *L'expérience intérieure*, onde a necessidade de “tudo pôr em causa” procura ainda por seus princípios, Bataille trata de subtrair da noção de **experiência interior** todo emprego e todo fim. Esse movimento de esgotamento, levando a um “lugar de despojamento, de não sentido” (BATAILLE, 1986, p.15), implica recusar de antemão toda atração que possa exercer um arrebatamento extático, místico. Recusa “severa e incansável”, estima Blanchot (2007, p.185), “[...] de todas as pressuposições religiosas, assim como de todas

¹ Todas as traduções são nossas, salvo indicação em contrário.

as revelações e certezas espirituais implicadas pelas disposições ‘místicas’.” Ao consignar tal recusa, no parágrafo de abertura de seu texto, Bataille já transparece a errância conceitual e semântica através da qual falará sua experiência dos movimentos interiores, que ele prefere chamar “escoamentos interiores”.

J’entends par expérience intérieure ce que d’habitude on nomme expérience mystique: les états d’extase, de ravissement, au moins d’émotion méditée. Mais je songe moins à l’expérience confessionnelle, à laquelle on a dû se tenir jusqu’ici, qu’à une expérience nue, libre d’attaches, même d’origine, à quelque confession que ce soit. C’est pourquoi je n’aime pas le mot mystique. (BATAILLE, 1986, p.15, grifo do autor).

Assim, ao procurar romper com uma filiação a imagens e símbolos de uma dogmática da interioridade mística (afeita à “divisão analítica das operações” de transcendência), a escrita conforma o que Francis Marmande (1985, p.106) denomina com felicidade uma **semântica libertária**. Não pretendendo insistir no êxtase como técnica de transcendência, Bataille procura outras derivas junto às palavras. Nesse sentido, a noção de “palavra escorregadia” em *L’expérience intérieure* trai uma consciência refinada da imprecisão do léxico da interioridade. Se “[...] a palavra silêncio é ainda um ruído, falar é em si mesmo imaginar que se conhece, e para não mais conhecer seria preciso não mais falar.” (BATAILLE, 1986, p.25). Essa consciência enviesada da linguagem alimenta uma poética voluntariamente imprecisa, balbuciante por entre os enviesamentos dos saberes instituídos. Liberar da lei da linguagem prescinde de uma declaração de intenção. A contestação em Bataille não é do registro de um manifesto, mas de uma escrita em ato, ainda que de deriva. Para sair das “areias movediças” das palavras, para aceder à “parte muda, subtraída, inapreensível” de nós mesmos que escapa aos “servilismos verbais” (BATAILLE, 1986, p.27), a escrita dá-se os meios de uma irregularidade poética, de um encadear desimpedido dos vocábulos para ter uma chance de desencadear sentidos. Trata-se de deixar as palavras “escorregarem” por entre as conotações para não imobilizar sentidos. O engajamento propriamente filosófico desse intento parece considerável: “falar na acachapante dissolução do pensamento”; escrever pondo em causa a linguagem pela linguagem; pensar sob o regime da contestação do próprio pensamento.

A deriva das palavras é, assim, modo de propor um deslocamento, de noções em noções, de figuras em figuras; cabe ao conceito armazenar imagens em função direta de sua perda de sentido e de filiação ideológica. Eis a atividade profunda

do texto batailliano: um trabalho de inversão operatória das posturas mais ativas; e um objeto (a experiência interior) que permanece “[...] questionamento, experimentação, na febre e na angústia, do que um homem sabe do fato de ser.” (BATAILLE, 1986, p.16). Não surpreende, pois, que a escrita da interioridade principie por uma “crítica da servidão dogmática e do misticismo”, onde os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola² são paradigmáticos de um fechamento discursivo. Há em *Le Coupable* uma passagem que expressa cabalmente esse processo crítico, não como uma posição teórica ou filosófica estável, mas como um princípio de movimentação das formas, rumo a uma dilaceração de morfismos consagrados:

De la pente vertigineuse que je monte, je vois maintenant la vérité fondée sur l'inachèvement [...], il n'y a plus là d'un fondement que l'apparence! J'ai renoncé à ce dont l'homme a soif. Je me trouve – glorieux – porté par un mouvement [...] si fort que rien ne l'arrête, et que rien ne pourrait l'arrêter. C'est là ce qui a lieu, qui ne peut être justifié, ni recusé, à partir de principes: ce n'est pas une position, mais un mouvement maintenant chaque opération possible dans ses limites. Ma conception est un anthropomorphisme déchiré [...] En toute réalité accessible, en chaque être, il faut chercher le lieu sacrificiel, la blessure. Un être n'est touché qu'au point où il succombe, une femme sous la robe, un dieu à la gorge de l'animal du sacrifice.. (BATAILLE, 1971a, p.261, grifo do autor).

Numa escrita em movimento tateante, sem intenção de fugir à imperfeição do arbitrário, não surpreende que a deriva de sentidos assuma um imperativo de tresloucado analogismo: “[...] é preciso pôr sobre um mesmo plano o universo risível, uma mulher nua, um suplício.” (BATAILLE, 1971a, p.267). Assim, as noções de **heterologia**, de **despesa** ou de **meditação**, que acompanham a discursividade da experiência, nunca recebem sentido unívoco. Cada termo mostra-se variado, declinado como as formas flexionais de uma mesma atitude de desengajamento. Assim, as “condutas soberanas aparentes” instanciam variegada topologia: a embriaguez, a efusão erótica, o riso, a efusão do sacrifício, a efusão poética. Contudo, longe de determinar um início de precisão conceitual, a listagem dessas condutas cede terreno a tergiversações entre os termos. Esse descaminho é concomitante com uma suspensão de toda determinação susceptível de vincular o sentido de soberania a alguma atitude dogmática, ou mesmo confessional.

² Confira Loyola (2011).

(Des)Figurações de si na escrita da interioridade de Georges Bataille

Précédemment, je désignais l'opération souveraine sous les noms d'expérience intérieure ou d'extrême du possible. Je la désigne aussi maintenant sous le nom de méditation. Changer de mot signifie l'ennui d'employer quelque mot que ce soit (opération souveraine est de tous les noms le plus fastidieux: opération comique en un sens serait moins trompeur) ; j'aime mieux méditation mais c'est d'apparence pieuse. (BATAILLE, 1971a, p.219, grifo do autor).

Em sua equivalência a uma deriva, a operação soberana exige que as palavras sejam desembaraçadas de seus valores fiduciários, de suas precisas linhagens de pensamento. O conceito parece então se esvaziar pelo excesso de constelações lexicais, de deslocamentos e derivas que é instado a frequentar. A escrita da soberania circunscreve um espaço semântico onde o motivo não se vê consignado a significações exclusivas. O que não se define cabalmente presta-se à demonstração de um “esvanecimento do real discursivo” (BATAILLE, 1971a, p.231).

Para melhor esclarecer a (des)organização batailliana da língua, cumpre evocar derivas de outras noções. Para o sentido do termo **heterologia** – o exemplo mais conhecido e que suscita mais questões teóricas –, vê-se Bataille propor sucessivamente: “ciência” (do que é outro), “agiologia” (na lembrança do duplo sentido de *sacer*, tanto “sujo” quanto “santo”), “escatologia” (ciência do dejetivo). O termo “heterologia” parece por vezes se impor pela proximidade com “heterodoxia”, que possui a vantagem de se opor a toda espécie de ortodoxia possível. Mas, entre “agiologia” e “escatologia”, a espiral de sentidos de uma instância da alteridade se agita. O termo “ateologia” certamente abre horizontes insuspeitos para a noção, melhor caracterizada por listas heteróclitas do que por qualquer “esgotamento arrazoado dos possíveis” (BATAILLE, 1971d, p.221). Assim, da teoria geral da magia de Henri Hubert e Marcel Mauss surge a enumeração de elementos inassimiláveis para figurar o que invariavelmente se recusa: “[...] restos das refeições, detritos, lascas de unha[s] e cabelos cortados, excrementos, fetos, lixo doméstico, [prostitutas e carcaças].” (BATAILLE, 2011, p.233). Em outros momentos, as excrescências figuram junto a práticas diversas do corpo, do coito à circuncisão, da castração à prostituição.

Outras constelações lexicais comparecem ainda. Para **experiência interior**, que balança entre o “místico”, o “êxtase”, o “maravilhamento”, a “experiência nua”, a “emoção meditada”. Para **excesso**, que acumula sentidos num sistema de equivalências onde figuram “despesa”, “desmedida”, “violência”, “consumição”, “consumo sem cálculo”, “*potlatch*”. A essas variações em torno de uma noção acrescentam-se inventários inacabados, falsamente destinados a precisar sentidos,

mas que se ampliam desmesuradamente. Desse modo, “riso, heroísmo, êxtase, sacrifício, poesia, erotismo ou outras” seriam formas diversas de dispêndio. Ou então, e de modo interrogativo: “[...] sacrifício, conformismo, falsificação, poesia, moral, esnobismo, heroísmo, religião, revolta, vaidade, dinheiro... ou várias vias em conjunto? Ou todas juntas?” (BATAILLE, 1971f, p.305). Pode ocorrer que Bataille repertorie despesas improdutivas como “[...] o luxo, os lutos, as guerras, os cultos, as construções de monumentos suntuosos, os jogos, os espetáculos, as artes, a atividade sexual perversa.” (BATAILLE, 1971f, p.305).

Tais listas heteróclitas, simulacros de classificação, não sugerem certo gosto pelo acúmulo, pois que manifestações do excesso são igualmente manifestações da perda. Na verdade, elas trabalham a favor do inconcluso – mesmo porque se prestam a interrupções no texto argumentativo, que em Bataille são tão bruscas quanto imotivadas. Elas parecem, no fim das contas, indiferentes a todo caráter exaustivo, como se a crítica do conceito unívoco exigisse a paródia de toda taxonomia de substituição. Seja como for, a labilidade lexical em Bataille mostra-se essencial à escrita da experiência soberana. A operação acrescenta à taxonomia o alargamento dos termos para fora do invólucro categorial da identidade de sentido; e o movimento de transbordamento, de deriva, de deslocamento que fornece às séries lexicais sua dinâmica.

À evidência, essa leitura faz valer em chave diversa os resultados que Bataille anteriormente obtivera no trato com a noção de **aspecto**. De fato, a leitura do artigo “*Le langage des fleurs*”, publicado na revista *Documents* em 1929, permite entender a censura batailliana à preterição das qualidades sensíveis em favor dos signos inteligíveis. O aspecto das coisas não se presta a uma descrição articulada segundo os meios da linguagem – palavras e sintaxe. O que atrai os olhos humanos não induz um conhecimento, mas determina um estado de espírito qualificado por Bataille de “decisivo” bem como de “obscuro”. Contrafeito a uma espiritualidade sublime e etérea, esse estado de espírito – capaz de testemunhar com virulência acerca do que de obscuro haveria nos aspectos sensíveis das coisas ou mesmo nas decisões humanas mais capitais – procura por sua linguagem não tanto nas transposições poéticas quanto nas exorbitâncias do fluxo de imagens. Com o conseqüente engajamento nas formas visíveis dotadas de um valor de desmentido violento, como a flor, figura de cândidas idealidades, mas que “[...] apodrece impudicamente ao sol transformando-se numa gritante ignomínia.” (BATAILLE, 1971e, p.176).

A reivindicação de uma atitude soberana numa escrita voluntariamente não argumentativa relança o paradigma floral: “[...] os fluxos e refluxos da meditação

assemelham-se aos movimentos que animam a planta no momento em que a flor se forma [...]”, observa Bataille (1971a, p.265) em *Le Coupable*. De imediato, é o êxtase, motivo-chave da heurística batailliana da inconclusão, que se vê investido da dinâmica aspectual que já se apresentara em *Documents*: “[...] o êxtase nada explica, nada justifica, nada esclarece. Ele não é mais que a flor, não sendo menos inacabado, menos perecível. A única saída: tomar a flor e olhá-la até o acordo, de modo que ela explique, esclareça e justifique, sendo inacabada, sendo perecível.” (BATAILLE, 1971a, p.265). A “flor extática” de *Le Coupable* repõe na escrita a mesma exigência de uma forma pensada como contínuo acidente de seus aspectos afirmada no artigo de 1929: articulação do patético e do morfológico em vista de um reviramento estético pelo qual toda forma decisiva mostra-se reveladora de movimentos de fluxo e refluxo, de decomposição e desfiguração. No artigo de *Documents*, Bataille convocava uma contrametaforicidade na transgressão das idealidades do humano em favor de “formas decisivas”, capazes de dramatizar a contrapartida de toda forma. “Desfolhar” por assim dizer a flor retórica (*to say with flowers*, como dizem os anglo-saxões) mostrava-se então resposta conveniente à necessidade de resgatar de uma metaforicidade servil para o acesso ao desconhecido através do que se arruína diante do olhar. Para desconstruir a forma restritiva de linguagem – para liberá-la de tudo quanto seja “*garde à vous*” a favor de uma “imbecil elevação” do homem – cumpre desfazer sua função idealizante. Precisamente a propósito da flor, Bataille mostrava o ilusório de tal perspectiva: pois não só a maioria das flores possui aparência medíocre, mas seu interior não corresponde a sua beleza exterior: uma vez despetaladas, revelado em seu centro a “mancha peluda dos órgãos sexuais”, não lhe sobra mais que “um tufo de aspecto sórdido”. Ainda, um esforço do senso comum desvela facilmente uma “elegância diabólica” por detrás de estames bem desenvolvidos, como é caso de certas orquídeas, “plantas tão duvidosas que somos tentados a atribuir-lhes as mais equívocas perversões humanas”. Por fim, “caráter surpreendente do aspecto”, a fragilidade da corola trai a impressão apressada que se pode ter da flor: “[...] longe de dar resposta às exigências das ideias humanas, ela é o signo do seu fracasso.” (BATAILLE, 1971e, p.176).

O trabalho inicial de Bataille com a linguagem, em *Documents*, envolvia uma crítica dos modos restritivos de produção do similar e do próximo na inteligibilidade das coisas. Os aspectos, por oposição às palavras, são o resultado de um olhar ou de uma intuição antes pulsionais que racionais; são imagens (formas) apartadas de toda presença no sentido de um idêntico. Locá-las, como entende agora Bataille, no cerne mesmo de uma experiência extática significa

substituir o mundo dos objetos inteligíveis por um “estado de espírito decisivo e inexplicável” com nomenclatura flutuante: experiência interior, soberania, alteridade, transgressão, etc. Infenso a toda compreensão intelectual e racionalista, objeto de um conhecimento pático ou patético (afeito à união de conhecimentos impossíveis), um movimento fatal tempera o crescimento orgânico dos seres com a metamorfose de sua inevitável putrefação. Assim, nos quadros especulativos que envolvem a noção de experiência interior, a caracterização de uma noção não depende mais de uma prática de retificação conceitual. Ela investe, antes, um discurso dependente de uma cadeia de acontecimentos descontínuos, de morfismos desregradados, de inequívoco valor dramático.

Uma morfologia dilacerada

Considere-se, pois, o conteúdo emocional da experiência soberana. É possível identificar particular figurabilidade do êxtase em *L'expérience intérieure* e em *Le Coupable*, assim como uma morfologia do amorfo e do agonístico. Como se disse, Bataille objetiva romper com as representações homogêneas do mundo e o caráter apropriativo do conhecimento. Donde o interesse em acompanhar a operação que toma os detritos do pensamento como os objetos definitivamente heterogêneos da especulação/representação da experiência interior. Nos termos de *L'expérience intérieure*: tratar-se-ia de ver surgir o êxtase por sobre as ruínas do mundo trágico, criado pela arte para sublimar no homem o desejo de revelação (BATAILLE, 1986, p.88). Nesse tocante, a heterologia constitui uma particular prática especulativa em sua relação com um objeto tornado catastrófico. Essa prática é o que vem perturbar na escrita a relação pacificada entre sujeito e objeto. Uma exaustão do objeto, sua perda de identidade, de substancialidade, renegocia sem bases e nomenclaturas sólidas a mediação entre o som articulado e o grito, entre o pleno e o vazio.

Cet objet, chaos de lumière et d'ombre, est catastrophe. Je l'aperçois comme objet, ma pensée, cependant, le forme à son image, en même temps qu'il est son reflet. L'apercevant, ma pensée sombre elle-même dans l'anéantissement comme dans une chute où l'on jette un cri. Quelque chose d'immense, d'exorbitant, se libère en tous sens avec un bruit de catastrophe ; cela surgit d'un vide irréel, infini, en même temps s'y perd, dans un choc d'un éclat aveuglant. Dans un fracas de trains télescopés, une glace se brisant en donnant la mort est l'expression de cette venue impérative, toute-puissante et déjà anéantie. (BATAILLE, 1986, p.88-89).

As relações entre os objetos podem assim ganhar o espaço do incomensurável, do amorfo. Na dimensão de um tempo “saído de seu eixo” (BATAILLE, 1986, p.89), registro dos fragores, as relações pertencem a momentos em que o dejetivo, ou a ausência de uma “medida comum”, vem contaminar o elemento objetivo das atribuições de valor. Abre-se assim para a multiplicação (e caotização) das formas de identidade entre sujeito e objeto. Para aquele que professa uma experiência extática, resta uma identidade instável, substrato falsamente unificante de fragmentos (objetos, saberes, sentimentos), que se formaliza na labilidade das formas. “Rio dos seres”, “rio de embriaguez e sofrimentos”, “oceano da consciência”: expressões dessa ordem traem ao longo do texto precisa morfologia da fluidez, da indeterminação, do inconcluso.

L'être est dans le monde si incertain que je puis le projeter où je veux – hors de moi. C'est une sorte d'homme maladroit – qui ne sut pas déjouer l'intrigue essentielle – qui limita l'être au moi. En effet l'être exactement n'est nulle part et ce fut un jeu le saisir divin au sommet de la pyramide des êtres particuliers.
(BATAILLE, 1986, p. 98, grifo do autor).

Mostra-se incessantemente em fluxo o espaço da linguagem no qual circulam elementos não capitalizáveis de uma realidade indefinida. Toda atribuição/predicação é ali suspensa; toda relação de identificação entre valores é enfraquecida. O texto procura então por uma fluidez caótica que possa evitar o pensamento-medida. O que nele se fortifica não é a sempiterna “construção labiríntica do ser” (BATAILLE, 1971a, p.99), aquela tessitura de operações da linguagem que dão ao *ipse*, “partícula ínfima”, a ilusão do todo transcendente. Evita-se a “[...] tentativa exasperada de acabar o ser (o ser acabado seria o *ipse* tornado tudo).” (BATAILLE, 1971a, p.105). Para tanto, é proposta uma textualidade que pretende uma “[...] comunicação profunda dos seres com a exclusão das ligações necessárias aos projetos formados pelo discurso.” (BATAILLE, 1971a, p.109).

Não é, pois, casual que a voz autoral invista contra a realidade utilitarista e instrumental de sua linguagem em proveito da irrealidade poética. A poeticidade da imagem promete o que a intenção não pode visar: ela é a inadequação no interior de toda intencionalidade. Ocorre, pois, de a especulação em torno da experiência interior se interromper para que versos de fatura rápida deixem falar “desarmonia” montante:

Je ne veux plus, je gémiss, / je ne peux plus souffrir / ma prison. / Je dis ceci / amèrement : / mots qui m'étouffent, / laissez-moi, / lâchez-moi, / j'ai soif / d'autre chose. / Je veux la mort / non admettre / ce règne des mots, / enchaînement / sans effroi, / tel que l'effroi / soit désirable ; / ce n'est rien / ce moi que je suis, / sinon / lâche acceptation / de ce qui est. / Je hais / cette vie d'instrument, / je cherche une fêlure, / ma fêlure, / pour être brisé. / J'aime la pluie, / la foudre, / la boue, / une vaste étendue d'eau, / le fond de la terre, / mais pas moi. / Dans le fond de la terre, / ô ma tombe, délivre-moi de moi, / je ne veux plus l'être. (BATAILLE, 1986, p.71-72).

Não surpreenda, pois, que a figurabilidade da experiência de uma “[...] consciência angustiada pelas enchentes torrenciais que a carregam.” (BATAILLE, 1971a, p.112) acabe por se desvelar no infigurável, no irrepresentável. Didi-Huberman (1995, p.119-120) lembra como “[...] perante o uso leniente das imagéticas familiares [...]” Bataille procura despertar para o que na imagem haveria de “suplicação”, de “violência essencial”. Efetivamente, nas descrições bataillianas da experiência do êxtase a imagem é veículo de uma heurística particularmente explosiva.

Je vais dire comment j'ai accédé à une extase si intense. Sur le mur de l'apparence, j'ai projeté des images d'explosion, de déchirement. Tout d'abord, j'avais pu faire en moi le plus grand silence. Cela m'est devenu possible à peu près toutes les fois que j'ai voulu. Dans ce silence souvent fade, j'évoquai tous les déchirements imaginables. Des représentations obscènes, risibles, funèbres, se succédèrent. J'imaginai la profondeur d'un volcan, la guerre, ou ma propre mort. Je ne doutais plus que l'extase pût se passer de représentation de Dieu. (BATAILLE, 1971a, p.269).

Como o que conta é “a alteração da ordem habitual” e, por fim, “a impossibilidade da indiferença”, as imagens de um suplício entram no processo de intensificação de um *pathos* da perda de si. A imagem terrificante abre a esfera na qual se encerrava (e se limitava) a particularidade pessoal; ela a abre violentamente, pela força evocadora da dilaceração, até ao ponto do êxtase (BATAILLE, 1971a, p.272-273). Exercícios de visualizações voluntárias, como estas relatadas por Bataille, figurações de escoamentos interiores, quando de uma confrontação com o desastre, no extremo do possível, mostram-se expressão de uma “alegria suplicante”, não mais sustentada pela fé, mas pelo que Bataille chama uma “agitação incessante do possível e do impossível”, para a qual concorrem, indistintamente, o riso, o êxtase, a náusea (BATAILLE, 1971a, p.52).

Cumpriria investigar mais estreitamente o efeito de dramatização das figuras na representação da experiência batailliana. Em uma descrição que se diz “incerta e talvez ininteligível”, o sujeito extático imagina-se nos instantes em que rompe seu isolamento egótico para se fundir numa totalidade mais vasta:

Dans une sérénité aiguë, devant le ciel étoilé et noir, devant la colline et les arbres noirs, j'ai retrouvé ce qui fait de mon coeur une braise couverte de cendre, mais brûlante intérieurement: le sentiment d'une présence irréductible à quelque notion que ce soit, cette sorte de silence de foudre qu'introduit l'extase. Je deviens fuite immense hors de moi, comme si ma vie s'écoulait en fleuves lents à travers l'encre du ciel. Je ne suis plus alors moi-même, mais ce qui est issu de moi atteint et enferme dans son étreinte une présence sans bornes, elle-même semblable à la perte de moi-même [...] (BATAILLE, 1971a, p.253).

Tal expressão extática, fruto de movimentos de interiorização de crescente força agonística, proclama o horror num esforço concertado. Assim, uma vez levado à máxima intensidade, o sujeito batailliano projeta para além de si um “[...] ponto vertiginoso suposto interiormente conter o que o mundo guarda de dilacerado, a incessante deriva de tudo ao nada.” (BATAILLE, 1986, p.137). Esse ponto atribui forma óptica à experiência. O espírito é um olho, “foco incendiário” através do qual a existência percebe, finalmente, “[...] sob forma de fragor interior, o que ela é, o movimento de comunicação dolorosa que ela é [...]” (BATAILLE, 1986, p.138). Não se trata aqui de uma operação de abstração. O ponto é, uma vez mais, fruto de um processo de dramatização – “não podemos projetar o ponto-objeto senão pelo drama”, sustenta Bataille. Mas, contrariamente ao drama cristão, este se conquista sobre as ruínas de suas certezas.

Je ne parlais pas comme le chrétien du seul discours, mais aussi d'un état de communication diffuse, d'une félicité des mouvements intérieures. Ces mouvements que je saisis dans leur écoulement de ruisseau ou de fleuve, je pouvais partir d'eux pour les condenser en un point où l'intensité accrue fit passer de la simple fuite de l'eau à la précipitation évocatrice d'une chute, d'un éclat de lumière ou de foudre. (BATAILLE, 1986, p.139-140).

Nos momentos em que a escrita batailliana terá optado por tomar a contrapartida de todo exercício de consagração espiritual, no movimento mesmo que exige da imagem que se proponha para além de toda consolação, é o drama da interioridade que recompõe seus recursos representacionais:

Je fixe un point devant moi et je me représente ce point comme le lieu géométrique de toute existence et de toute unité, de toute séparation et de toute angoisse, de tout désir inassouvi de toute mort possibles. J'adhère à ce point et un profond amour de ce qui est en ce point me brûle jusqu'à refuser d'être en vie pour autre chose que ce qui est là, pour ce point qui, étant ensemble vie et mort d'un être aimé, a un éclat de cataracte. (BATAILLE, 1986, p.141).

Nestas passagens descritivas, que se multiplicam ao longo do texto, pode parecer que a voz narrativa assume uma prática de síntese; mas há ali uma posição paradoxalmente inclinada a abrir uma grande rachadura, um espaço vacante que bem se poderia tomar por engajamento maior da escrita suplicante de Bataille. Há em *L'expérience intérieure* uma transferência do “êxtase diante do ponto” ao “êxtase diante do vazio”: aquele que fixa seu olhar sobre um “ponto vertiginoso” comunica-se com uma “extensão vazia, indefnida, onde tudo se verte” (BATAILLE, 1986, p.140). É como se, à semelhança do ponto que escapa para sua própria extensão dilacerante, houvesse um aprofundamento da vida interior (sua de-formação, sua des-figuração) por força da intensificação/dramatização de seus objetos. O papel das imagens seria então o de abrir uma brecha na psique: rica operação matricial na textualidade batailliana. Operação junto à angústia, quando o isolamento solipsista se dilacera por força da intensidade emocional de suas imagens, e de uma saturação de seus perceptos. “Se não soubéssemos dramatizar, não poderíamos sair de nós mesmos [...]”, sustenta Bataille (1986, p.137). Efetivamente, o mundo que o narrador batailliano descortina é aquele das derivas, das deliquescências. Ele persiste num desejo que intensifica toda inadequação – todo saber para Bataille é por excelência inadequação –, até a sua dilaceração e de suas figuras. Razão porque “[...] o objeto numa experiência é a projeção de uma perda de si dramática [...]” (BATAILLE, 1986, p. 137).

A respeito do estatuto da imagem nesse processo, Didi-Huberman (2007) fala de um “trabalho de enlouquecimento” a um tempo das instâncias corporal, plástica e semiótica. Não por acaso, para esclarecê-lo, ele alinha lado a lado as figuras da criança e do histérico, ambos propensos a revirar até a dilaceração os objetos e corpos de certa consolação oficial:

Bataille aura tenté de précipiter la notion d'image, afin de l'ouvrir, un peu comme un enfant en colère jette au sol l'horloge de papa, parce qu'il veut comprendre tout de suite ce que c'est que le temps qui passe. Ou comme l'hystérique jette au sol, précipite et renverse son propre corps, afin de l'ouvrir, c'est-à-dire de

délivrer, paroxystiquement, un désir ressenti sans nom, qui pourtant donne la vérité de toute son existence. Et le désordre de ce corps parle ainsi pour lui, Ce corps ne “parle” alors qu’à travers la visibilité de sa crise, de son antithèse em acte. (DIDI-HUBERMAN, 2007, p.330, grifo do autor).

De fato, em *Le Coupable* o sujeito solicita seu retrato num ponto vertiginoso de deriva de tudo. Bataille não aceita, porém, nenhuma interpretação teísta dessa deriva. Mesmo porque, ainda que partilhe com as experiências místicas alguns conteúdos (expansão, luz, brusca elevação, esquecimento do corpo, etc.), sua experiência “precipita” no cadinho das pulsões, por assim dizer, motivos pouco ortodoxos tais como o riso e a volúpia erótica. As imagens de arrebatamento traem realidades furtivas, que são mais bem acolhidas no horror turbulento que nos estados de pacificação do espírito. Na verdade, os momentos soberanos são de relativa banalidade: o encanto provocado pela poesia, a intensidade de um acesso de riso, um vertiginoso sentimento de ausência, uma vez projetados a um ponto de indistinção podem despertar subitamente para estados outros, mais decisivos (BATAILLE, 1971c). Na renúncia a imagens de arrebatamento místico, o êxtase tende a ocorrer preferencialmente no imprevisto, no acaso, na dependência de um “choque ínfimo”. Interiorização e projeção se alternam. Por fim, na exorbitância extática última do olhar, Bataille passa a associar atos de evanescência aos movimentos de concentração do espírito. Os estados do firmamento e das nuvens, formas que se desfazem, compõem o quadro óptico de uma experiência que transita da multiplicidade exterior a uma profunda absorção num vazio de conteúdo intelectual (BATAILLE, 1986). Donde a eficácia dos espetáculos de escoamento interior, de posse voluptuosa ou de violenta deperdição. No limite, o movimento pode evoluir até uma contemplação quase abstrata do espaço, ou a fixação do céu.

A imagética da interioridade enriquece-se desses desdobramentos figurativos. Nos fragmentos de *Méthode de méditation*, publicados em 1946 sob o título “Diante de um céu vazio”, Bataille (1971b, p.281) opõe a angústia do ser limitado a si a “[...] um canto semelhante à modulação da luz por entre as nuvens, à tarde, na extensão insustentável dos céus.” Em *Sur Nietzsche*, a liberação surge num misto de elevação e dissipação: “[...] na floresta, o sol se levantando, eu era livre, minha vida se elevava sem esforço e como um vôo de pássaro atravessava o ar: mas livre infinitamente, diluído e livre.” (BATAILLE, 1971c, p.208-209). Seguem-se imagens de destruição sistemática de si e de todas as coisas. Por fim, sem estar seguro de se conduzir ao estado em que as aparências se sacrifiquem

e se diluam, Bataille concebe como tema de meditação “a chama brilhante e leve se consumindo nela própria” (BATAILLE, 1971b, p.282), imagem que desempenha em tantos ritos o fito da fascinação: “eu me represento/o vazio/ idêntico a uma chama/a supressão do objeto/revelando a chama/que inebria/e ilumina” (BATAILLE, 1971b, p.113). Ainda: “eu me represento um objeto de atração/a chama/brilhante e tênue/ se consumindo em si mesma,/ se aniquilando/ e assim revelando o vazio,/ a identidade da atração,/ do que embriaga/e do vazio” (BATAILLE apud BRUNO, 1963, p.707). Assim, um devir-chama de si, imagem derradeira de consumição, conclui em *L'expérience intérieure* a narrativa dos êxtases experimentados:

La partie supérieure de mon corps – au-dessus du plexus solaire – avait disparu, ou du moins ne donnait plus lieu à des sensations isolables. Seules les jambes qui tenaient debout, rattachant ce que j'étais devenu au plancher, gardaient un lien avec celui que j'avais été : le reste était jaillissement enflammé, excédant, libre même de sa propre convulsion. Un caractère de danse et de légèreté décomposante (comme fait de mille futilités distraites et des mille fous rires de la vie) situait cette flamme “hors de moi”. Et comme dans une danse tout se mêle, il n'était rien qui ne vint là se consumer. (BATAILLE, 1986, p.148, grifo do autor).

A morfologia do corpo se desconstrói à luz da experiência de um eu em perda de si. A solicitação do sensível dá-se por um olhar que se “exorbita” por assim dizer. Trata-se de olhar uma imagem “até o acordo” (BATAILLE, 1971a, p.283), até seu paroxismo figural, isto é, quando se ausenta o figurativo, o narrativo. Na explicitação dramatizada da linguagem, os objetos (ou mesmo Deus) entram no campo do olhar como “vítimas agonizantes”. Um “olhar desinteressado, sem futuro, e como que do seio da morte” (BATAILLE, 1971b, p.479) reconsidera em cada coisa sua lonjura. Toda noção de ser – ao se deslegitimar nessa consumição silenciosa –, aponta doravante para a insubstancialidade e o vazio dominantes. No quadro óptico da experiência interior, impõe-se uma fantasmagoria do universo sensorial. Por fim, a impressão de uma energia subjacente – “um movimento incessante e fervilhante” – cujo jogo de corrosão das fisiologias estruturais do mundo continuamente obsede Bataille. O primado dos “êxtases fulgurantes”, certo apaziguamento do espírito, cede a um estado de inquietude, a um movimento de aprofundamento do sujeito na evanescência de seus objetos, até o momento de desaparecimento de todo signo, quando o objeto mostra-se por fim “sem forma e sem modo” (BATAILLE, 1971b, p.479).

O acesso do sujeito de experiência extática a um mundo de efeitos fantasmáticos pode ser visto à luz do que Didi-Huberman (1995) diz ser a parte “visual” do visível, qual seja, a parte infigurável de um acontecimento que não pode remontar totalmente à superfície da experiência perceptiva. Quando da análise da noção de **olho pineal**, em artigo datado de 1929, do olhar devolvido aos motivos da consumição e devoração do ser, o infigurável toma a forma de explosões de riso, lágrimas, horror e êxtase. À “obstinação estúpida” da visão horizontal, com a consequente “fraseologia niveladora” advinda do entendimento, substitui-se na operação soberana uma visão pulsional, liberadora da virulência dos fantasmas, aberta aos sintomas visuais na figura humana do desvio, da metamorfose e do transbordamento. Bataille tentou várias vezes retornar o olho em sua órbita no sentido de interiorizá-lo aos fantasmas mais dilacerantes: desejo de libertar o olhar da carne, na qual ele se inscreve *a priori*, para devolvê-lo (como “sol exorbitante”) a sua itinerância de desejo e de excesso (BATAILLE, 1970, p.22). Em termos de força perceptiva, pode-se evocar o desejo reincidente na textualidade batailliana de abrir os corpos, de se precipitar em sua abertura desfigurante (DIDI-HUBERMAN, 2007). O motivo do êxtase administra esse olhar penetrante e as formas dramáticas que ele descortina. No fundo, o jogo das formas não promove mais que uma abertura visual do interior dos corpos, de modo a decompor-lhe a figura vivível, fechada, familiar (DIDI-HUBERMAN, 1995).

Um corpo reescrito

Ao recusar uma apropriação cognitiva do real, Bataille cria as condições de transformação do quadro óptico da experiência interior, do “fundo de objeto” que lhe é próprio. Desviado, então, dos objetos das práticas úteis, o texto batailliano prolifera imagens da voracidade e avidez. “Quem sou eu/ não ‘eu’ não não/ mas o deserto a noite a imensidão”, ressoa a voz suplicante ao final do discurso soberano (BATAILLE, 1986, p.186). Explica Didi-Huberman (1995, p.83) que estas são “formas espaciais da experiência”, formas ativas pelas quais se incorporam dessemelhanças. A comunicação a que aspira o texto batailliano se compara a uma descarga elétrica. Nela, o essencial passa a ser “[...] o instante de violento contato, onde a vida deriva de um a outro, num sentimento de subversão feérica [...]” (BATAILLE, 1971a, p.390). Bataille acrescenta que “esses contatos são heterogêneos”, que de sua confusão agonística forma-se uma insensibilidade a qualquer conciliação: o estar em comunicação é, na duração de

sua realização, espaço intermediário, insular, em meio a águas tumultuosas, em meio ao escoamento que caracteriza cada ser; a comunicação não pode ser um núcleo inercial onde se congelam e se desarmam a violência, o riso, o erotismo, as convulsões; a comunicação em Bataille é lugar agonístico por excelência. No registro da recepção (de um espetáculo, de um escrito, de uma imagem) está-se diante da busca por um “violento contato”, por um “contágio” (a compenetração íntima de dois seres), a favor de uma “subversão feérica”, que somente uma representação do sacrifício pode suscitar (BATAILLE, 1971a, p.390).

Não por acaso, a ametódica desnaturalização da linguagem em *L'expérience intérieure* se encerra com a figura de uma autoridade em expiação. O autor exprime, por fim, o desejo de morrer diante do autoengendramento da obra. Nas imagens derradeiras, subsiste um “eu” em deriva: “deixemos desagregar nosso corpo” (BATAILLE, 1986, p.175). O incitamento proustiano ao sacrifício ecoa a presença fantasmática no texto de soberania de um corpo sacrificado – o célebre supliciado chinês de Bataille –, paradigma de uma “forma decisiva”, posto sobre o mesmo plano que uma mulher nua e um universo risível. Deformação monstruosa, obscena de um corpo supliciado, de um rosto dilacerado pela dor, que subverte o sentido da corporeidade. A dramatização da interioridade passa pela projeção do olhar nesse corpo em desagregação:

[...] nous ne pouvons projeter le point-objet que par le drame. J'ai eu recours à des images bouleversantes. En particulier, je fixais l'image photographique – ou parfois le souvenir que j'en ai – d'un Chinois qui dut être supplicié de mon vivant. De ce supplice, j'avais eu, autrefois, une suite de représentations successives. À la fin, le patient, la poitrine écorchée, se tordait, bras et jambes tranchés aux coudes et aux genoux. Les cheveux dressés sur la tête, hideux, hagard, zébré de sang, beau comme une guêpe. J'écris « beau » !... quelque chose m'échappe, me fuit, la peur me dérobe à moi-même et, comme si j'avais voulu fixer le soleil, mes yeux glissent. (BATAILLE, 1986, p. 139)

A imagem do corpo desfigurado presta-se, pois, ao intento de alimentar o “drama” que conduz à saída de si. Ocorre que o juízo estético irrompe como uma involuntária resposta a essa imagem. “Belo como uma vespa”. Bataille retém, na escrita, sua própria surpresa: “Escrevi ‘belo’! ... algo me escapou”; algo, na verdade, se furta à escrita, algo equivalente a uma exorbitância do olhar. Bataille lembra que a repulsa em arte sempre joga com o prazer que desperta. Ele escreve em *L'art, exercice de cruauté*, texto de 1949: “Quando o horror é proposto à

transfiguração de uma arte autêntica, é um prazer, um prazer forte, mas um prazer que está em jogo.” (BATAILLE, 1988a, p.480). Na verdade, permanece em jogo a possibilidade da transfiguração: a deriva de um juízo estético, em meio a um exercício de expiação, aponta para a deriva de uma experiência que em si mesma permanece obscura, quiza inclassificável.

Fato é que nas páginas onde intervém a menção à figura do supliciado há sempre uma questão ligada à experiência interior, aquela de uma perda de si, assim como de sua consequência maior, a “deriva de tudo ao nada”. A essa deriva de que fala Bataille responderia, nos anos do Collège de Sociologie, a apologia da comunhão amorosa, única a garantir escape à descontinuidade da existência humana. Para Bataille, somente a “impudente lascívia” estaria desimpedida das formas de toda “escapada celeste”, de toda “cozinha poética”. A constatação perpassa as considerações em torno das imagens do supliciado. De fato, lê-se em *L'expérience intérieure*:

[...] nous ne pouvons concevoir l'extrême défaillance autrement que dans l'amour. A ce prix seulement, me semble-t-il, j'accède à l'extrême du possible [...] Ce jeune et séduisant Chinois, livré au travail du bourreau, je l'aimais d'un amour où l'instinct sadique n'avait pas sa part : il me communiquait sa douleur, ou plutôt l'excès de sa douleur, et c'était exactement ce que je cherchais, non pour en jouir, mais pour ruiner en moi ce qui s'oppose à la ruine. (BATAILLE, 1986, p.140).

Mais tarde, o sadismo recuperaria seu governo junto às imagens. Por ora, a “face extasiada de um ser moribundo” revela-se espetáculo de exorbitância de uma paixão, imagem do sentimento de “morrer de não morrer” que Bataille recupera da mística de Santa Teresa para o exercício de um profano êxtase onde é caso de anular o eu. Lê-se, ainda, em *Le Coupable*:

Je n'ai pas choisi Dieu como objet, mais humainement, le jeune condamné chinois que des photographies me représentent ruisselant de sang, pendant que le bourreau le supplicie (la lame entrée dans les os du genou). À ce malheureux, j'étais lié par les liens de l'horreur et de l'amitié. Mais si je regardais l'image jusqu'à l'accord, elle supprimait en moi la nécessité de n'être que moi seul : en même temps cet objet que j'avais choisi se défaisait dans une immensité, se perdait dans l'orage de la douleur. (BATAILLE, 1971a, p.283).

O corpo do supliciado ingressa assim numa precisa heteronomia onde figuras do fluxo alimentam o olhar “do acordo”, recortam o lugar de desaparecimento do objeto construído pelo saber positivo e favorecem a desfiguração do eu. Uma hipótese então se articula naturalmente: recriar textualmente uma soberania talvez signifique produzir-lhe um corpo capaz de se desembaraçar de sua carga histórica, tópica, gnósica; capaz, enfim, de abandonar semelhanças para com o corpo sobressignificado do Crucificado. Figurar o objeto de um desejo de negação incorre em produzir-lhe um corpo que, em Bataille, é o resultado de uma deformação teratológica. Dionísio interpõe-se aqui ao Crucificado, a preconizar atos de exuberante dispêndio (BATAILLE, 1971c). Em outros termos, o corpo que se reescreve não mais solicita “[...] aqueles aspectos de dilaceração extrema que golpeiam na oração ao pé da cruz.” (BATAILLE, 1971c, p. 49). Essas ilusões, essas encenações da fé nunca serão efetivo drama: “nelas o crime ou a anulação dos seres é representação”. O sacrifício da missa, que figura a execução real de Jesus, não seria mais que um símbolo. Por conta dele, subestimam-se “[...] as reais orgias, o álcool, a carne, o sangue, tornados objetos de reprovação.” (BATAILLE, 1971c, p.53). Deus está morto, isto é mais que evidente – por tudo o que se argumenta em *Sur Nietzsche*. Contudo, sua decomposição não deixa de poluir a história e as narrativas. Deus, na verdade, não para de morrer e de desmaterializar sua morte. Como desmascarar esse simulacro de vazio? Através de uma narrativa crua, como mostra a literatura erótica de Bataille, com sua convocação das imagens mais desabusadas. Se Deus e a filosofia são interrogados no bordel (em *Madame Edwarda*), é porque Bataille quer ver o que se esconde verdadeiramente no extremo da embriaguez, da decadência, da vulgaridade. “Soberania incontestada do declínio” (BATAILLE, 1971c, p.57), tanto no matadouro quanto no bordel.

A vida humana comporta uma “raiva de ver” (BATAILLE, 1947, p.141) que se compõe pelo movimento de vaivém do abjeto ao ideal e do ideal ao abjeto, raiva que é fácil de fazer imigrar dos gestos mais cruéis àqueles da voracidade passional. Assim, nas narrativas eróticas de Bataille é possível observar o deslocamento (obsessivo) de uma atenção sobre a superfície do corpo (obsceno), dos altos aos baixos de um corpo afinado a estados de afecção inatingíveis, ao que Klossowski (apud CAPPAROS, 1996, p.19) bem disse ser “[...] a parte de afetividade em nós mais refratária a uma organização inteligível.” Que é a parte, diga-se, de esvanecimento, de vacância do símbolo (CAPPAROS, 1996). Razão porque o corpo da obscenidade caminha através de sua desarticulação rumo a um silêncio, a uma impassividade apática – assim o caminho do olho. O que talvez forneça

uma imagem precisa da experiência da linguagem em Bataille: da força da imagem na linguagem ou, então, da insuficiência congênita de toda linguagem e de toda imagem.

Uma leitura insuficiente

O motivo da experiência interior não é mais que o modo batailliano de definir o funcionamento de uma vontade de potência que se faria, doravante, após as catástrofes do século, nos modos mesmos que ela empresta ao colapso das formas. Tem-se outra escolha que não a de se construir sobre o que se arruína? Alguém disse que a obra de Bataille responde à altura a essa ruína, e com as formas mesmas que dela empresta. Pela poesia, por exemplo: “Vomitei/pelo nariz/ o céu arcnídeo/minhas tēmporas diminuídas/acabam de afiná-lo/estou morto/e os lírios/evaporam a água destilada/as palavras faltam/e falta eu enfim.” (BATAILLE, 1974, p.373). Uso irregular, mas vasto, insurgente (por vezes sem sutileza, puerilmente) de uma linguagem que se quer desarticulada. Veículo para uma mútua dissolução de si e do mundo.

“Mas o que anuncia em mim essa força que recusa? Ela não anuncia *nada*” (BATAILLE, 1988b, p.288, grifo do autor). Esta passagem explicita o que esperar de um discurso da negação. Como lembra Claude Minière (2011, p.13), quando se trata de “aceder à extremidade das coisas” o discurso pode servir tão somente como introdução. O leitor contumaz de Bataille sabe a que grau de tensão eleva-se a evocação do inconcluso. Ele que não desconhece como por diversas vezes Bataille endereça-se a seu leitor para participá-lo da angústia de comunicar “[...] um silêncio do pensamento que se inscreve com maior necessidade que seu encadeamento.” (BATAILLE, 1971a, p.442). Cumpriria ainda lembrar: a transgressão, esse “movimento escorregadio do pensamento” pelo qual ele se furta a toda perspectiva fechada, dá-se no instante, ao passo que o discurso transcorre. Razão porque, como salienta Marmande (2011, p.123), não faltam textos de Bataille onde se expõem e se sobreexpõem, “as imagens e formas duras da inconclusão”. Ele mesmo admite: “[...] nunca concluo nada. Razão porque a crítica de meu pensamento é tão difícil.” (BATAILLE apud MARMANDE, 2011, p.36). Haveria, ainda, que mencionar os motivos do excêntrico, do instável, do informe: quando não carregam nas tintas da desfiguração, apontam para o impossível ou o inominável. Quiçá o riso, ainda que potência do negativo, pudesse facilitar a tarefa do estudioso ao alertar para o paródico, mais imediatamente tematizável. Mas seria preciso considerar que o

riso em Bataille tem por fundamento o colapso, a transvaloração da consciência. O rir, analisa Surya (1992, p.597), “aquele pobre silêncio do rir” é o fundo dos mundos porque ele é o mais profundo equívoco: “[...] uma ingenuidade aterradora, escreve Bataille, um violento ‘pouco importa!’” Há, sem dúvida, uma heurística de fragilização (de toda forma, de toda figura, de toda representação) nessa sistemática de desapontar as leituras. A insuficiência de qualquer narrativa garante a pluralidade das narrativas, a despeito de sua eficácia fantasmática. Seria preciso, aqui, citar Bataille à exaustão: o que ele diz sobre a desordem, a febre e a raiva que o motivam, invariavelmente sem esperança de qualquer sublimação. “Desordem”, “febre”, “raiva”: tantas palavras-valor que desconcertam (quando não se prestam a subterfúgio eufêmico nos profundos incômodos da vida), quando não irritam simplesmente a escrevença do especialista. E se à irritação se acrescentar a lembrança da “culpabilidade” literária, na forma daqueles oximoros de função anti-sintética que semeiam o texto batailliano: “voluptuoso terror”, “sacrilégio imundo e resplandecente”, “imundice divina e voluptuosa”, “crueldade risível”, etc?

Pode-se, então exigir de Bataille um valor de uso, como ele próprio o fez em seu tempo para Sade, como modo de subverter os usos anódinos. Exigir que essa exigência esteja no coração mesmo de sua leitura “[...] como uma espécie de imperativo categórico, indicando assim que essa mesma leitura somente teria sentido ao ser de início e indefectivelmente ligada a uma capacidade sempre renovada de tirar todas as consequências teóricas e práticas do que tal obra coloca em jogo.” (SANTI, 2011, p.17). Valor de uso, pois. Valores e usos múltiplos, teoria e prática. Como diz Sollers em algum lugar, “o interesse é que isso seja ativo”, que isso trabalhe, no sentido forte do termo. Fazer trabalhar Bataille, recolocá-lo em jogo. Que não seja porque pelo baixo, pelo informe – pelos excessos destes –, sua força a um tempo crítica e depreciativa permanece um constante desafio imposto à linguagem constituída, às palavras coaguladas (“humanismo”, “idealismo”, “soberania”, dentre outras). Bataille parece renovar um convite para delas se desfazer de modo a refazer suas implicações. Que não seja pelo “[...] prazer cínico em prestar atenção a palavras que arrastam qualquer coisa nossa até a lata de lixo [...]”, como se lê em alguma rubrica do Dicionário crítico de *Documents* (BATAILLE, 1971e, p.238).

Mas o que afinal Bataille quer de nós em vista de tanto dispêndio? O que ele nos concede? Quem é esse “nós”? Quem somos nós, reunidos em torno dele, ou do que dele resta, seus textos? Que teria desejado para nós, hoje, a partir de um texto que se quer soberano em sua incapacidade? Às indagações

(Des)Figurações de si na escrita da interioridade de Georges Bataille

de Geoffrey Bennington (1995) parece responder, ainda que incomodamente, a seguinte passagem, que encerra esta nossa leitura pelo fraseado dilacerado do livro batailliano em torno da “parte muda, subtraída, inapreensível” de si:

La certitude de l'incohérence des lectures, la fragilité des constructions les plus sages, constituent la profonde vérité des livres. Ce qui est vraiment, puisque l'apparence limite, n'est pas plus l'essor d'une pensée lucide que sa dissolution dans l'opacité commune. L'apparente immobilité du livre nous leurre : chaque livre est aussi la somme des malentendus dont il est l'occasion [...] Ce qu'on peut attendre de nous est d'aller le plus loin possible et non d'aboutir. Ce qui demeure humainement critiquable est au contraire une entreprise qui n'a de sens que rapportée au moment où elle s'achèvera. Je puis aller plus loin? Je prends le risque: les lecteurs libres de ne pas s'aventurer après moi, usent souvent de cette liberté ! Les critiques ont raison d'avertir du danger. Mais j'attire à mon tour l'attention sur un danger plus grand : celui des méthodes qui, n'étant adéquates qu'à l'aboutissement de la connaissance, donnent à ceux qu'elles limitent l'existence fragmentée, mutilée à un tout qui n'est pas accessible. (BATAILLE, 1976, p.199-201, grifo do autor).

(DIS)FIGURATIONS OF THE SELF IN GEORGES BATAILLE'S WRITING ON INNER EXPERIENCE

ABSTRACT: *This text considers in Bataille's phrasing the deconstruction of all discursive transitivity in favor of an unregulated spelling of what the author calls his "inner experience." Thus the homogeneous representation of the world and of itself receives its less intellectual, less predicative, counterpart in a writing of interiority where prevails a semantics of excess, death, sacrifice, as well as an imaginary morphology of the dehiscent, the amorphous, the agonistic. It will be shown how figures exposed to a margin of equivocation between genders request a writing ability to play in a non-refundable way with a drift of forms and senses.*

KEYWORDS: *Language. Experience. Interiority. Georges Bataille.*

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. Définition de l'hétérologie. **Cahiers Bataille**, Besançon, n.1, p. 231-236, 2011.

_____. **Romans et récits**. Préface de Denis Hollier. Ed. publ. sous la dir. de Jean-François Louette; avec la collab. de Gilles Ernst, Marina Galletti, Cécile Moscovitz. Paris: Gallimard, 2004.

_____. **L'expérience intérieure.** Paris: Gallimard, 1992.

_____. **L'art, exercice de cruauté.** Paris : Gallimard, 1988a. (Œuvres complètes, XI).

_____. **Le non-savoir.** Paris : Gallimard, 1988b. (Œuvres Complètes, XII).

_____. **L'expérience intérieure.** Paris: Gallimard, 1986.

_____. **La limite de l'utile.** Paris : Gallimard, 1976. (Œuvres complètes, VII).

_____. **L'être indifférencié n'est rien.** Paris: Gallimard, 1974. (Œuvres Complètes, III).

_____. **Le Coupable.** Paris : Gallimard Paris: 1971a. (Œuvres Complètes, V).

_____. **Méthode de méditation.** Paris : Gallimard, 1971b. (Œuvres Complètes, V).

_____. **Sur Nietzsche:** volonté de chance. Paris : Gallimard, 1971c. (Œuvres Complètes, VI).

_____. **L'impossible.** Paris : Gallimard, 1971d. (Œuvres Complètes, III).

_____. **Le langage des fleurs.** Paris : Gallimard, 1971e. (Œuvres Complètes, I).

_____. **La notion de dépense.** Paris : Gallimard, 1971f. (Œuvres Complètes, I).

_____. **Dossier de l'œil pinéal.** Paris : Gallimard, 1970. (Œuvres Complètes, II).

_____. **Sur Nietzsche:** volonté de chance. Paris : Gallimard, 1967.

_____. **La Haine de la poésie.** Paris: Éd. de Minuit, 1947.

BENNINGTON, G. Lecture: de Georges Bataille. In : HOLLIER, D. (Org.). **Georges Bataille après tout.** Paris: Belin, 1995. p.11-34.

BLANCHOT, M. **A conversa infinita 2:** a experiência limite. Tradução de João Moura Junior. São Paulo: Escuta, 2007.

BRUNO, J. Les techniques d'illumination chez Georges Bataille. **Critique**, Paris, n.195-196, p.706-720, 1963.

CAPPAROS, O. Expérience et langage dans la pensée de Georges Bataille. **Revue Æsthetica-Nova**, Paris, n.6, jan. 1996. Disponível em: <<http://sonnets-de-cochonfucius.lescigales.org/capparos.html>>. Acesso em: jan. 2018.

DIDI-HUBERMAN, G. **L'image ouverte** : Motifs de l'incarnation dans les arts visuels. Paris: Gallimard, 2007.

_____. **La ressemblance informe ou le gai savoir visuel selon Georges Bataille.** Paris : Macula, 1995.

(Des)Figurações de si na escrita da interioridade de Georges Bataille

MARMANDE, F. **Le Pur Bonheur** : Georges Bataille. Clamecy : Nouvelles Editions Lignes, 2011.

_____. **Georges Bataille politique**. Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 1985.

MINIÈRE, C. Par delà la poésie. **Cahiers Bataille**, Besançon, n.1, p.12-14, 2011.

SANTI, S. Retour à Bataille. **Cahiers Bataille**, Besançon, n.1, p.17-32, 2011.

LOYOLA, I. de. **Exercícios espirituais**. Tradução de R. Paiva. São Paulo: Loyola, 2011.

SOLLERS, P. Le Toit. Essai de lecture systématique. In : _____. **L'écriture et l'expérience des limites**. Paris : Seuil, 1968. p.105-138.

SURYA, M. **Georges Bataille, la mort à l'oeuvre**. Paris : Gallimard, 1992.



